

# Para uma ontologia da complementariedade: mito e logos em Heráclito

## Towards an ontology of complementarity: Heraclitus on myth and logos

TADEU CAVALCANTE E GABRIELE CORNELLI<sup>1</sup> (*Universidade de Brasília — Brasil*)

**Abstract:** In the history of the Greek Philosophy, myth and logos are commonly understood as two disconnected fields of the human life: the former, as expression of the archaic thought and the latter as the source of rationality. The aim of this paper is to reflect about this reductive point of view and its impacts on the development of the western thought. Heraclitus (VI-V b. C) and Eudoro de Sousa (1911-1987) will be the main authors used in this exploration, drawing from their ideas of unity of opposites, logos as a factor of harmonization for the contraries and complementarity.

**Keywords:** Myth; logos; opposites; complementarity; Heraclitus; Eudoro de Sousa.

A história da Filosofia é marcada pela tensão entre dois termos paradigmáticos: mito e logos. Como conceitos aparentemente excludentes entre si, eles foram cunhados com a intenção de marcar um limite claro e intransponível entre o mundo dos mitos do período arcaico grego e o mundo do pensamento racional.

Com os poetas do período arcaico, o discurso oral marcava uma comunicação direta com as musas e o seu conteúdo era carregado do poder divino<sup>2</sup>. Nesse momento, o mito se apresenta como o discurso *do* divino, que pode ser traduzido pelo poeta inspirado. A narrativa mítica está dentro de um contexto próprio: tradições orais são revividas através de rituais e relações sociais específicas, sendo que não há distinção entre a ordem da palavra e a ordem da realidade<sup>3</sup>.

No entanto, a partir do século VI o mito passa a ser questionado e reinterpretado a partir de novas perspectivas<sup>4</sup>. Além disso, a palavra deixa o

---

Texto recebido em 27.07.2019 e aceite para publicação em 04.01.2020.

<sup>1</sup> tadeu61@gmail.com e cornelli@unb.br.

<sup>2</sup> Cf. DETIENNE (1988) 34-35.

<sup>3</sup> Cf. DETIENNE (1988) 36.

<sup>4</sup> Cf. MORGAN (2004) 35.

espaço dos rituais religiosos, onde detinha um valor transcendente e mágico, e passa por um processo de laicização ao ganhar o espaço público:

*“Instrumento de diálogo, este tipo de palavra não mais obtém sua eficácia através do jogo de forças religiosas que transcendem os homens. Está fundado essencialmente no acordo do grupo social, que se manifesta pela aprovação e desaprovação. É nas assembleias militares que, pela primeira vez, a participação do grupo social funda o valor de uma palavra. Prepara-se, nesse momento, o futuro estatuto da palavra jurídica ou da palavra filosófica, da palavra que se submete à “publicidade” e que tira a sua força do assentimento de um grupo social.”<sup>5</sup>*

A partir do século V, com o avanço da escrita, o termo *logos* começou a ganhar a conotação predominante de “raciocínio”, “definição” e “justificação”<sup>6</sup>. Mas é Platão, no século IV, que fará a primeira distinção sistemática dos termos *logos* e *mito*, o que irá marcar, na história da filosofia, a diferenciação entre um discurso verificável (*logos*) e um discurso inverificável (*mito*)<sup>7</sup>.

Em meio à multiplicidade das narrativas orais, que eram transmitidas e retransmitidas de geração em geração, o filósofo busca um discurso estável sobre a realidade, de forma que se torne uma comunicação a mais abstrata e impessoal possível<sup>8</sup>. Pouco a pouco percebe-se o distanciamento crescente entre o saber revelado pelas musas aos poetas e o saber obtido de forma gradativa, por observação, tentativa e erro<sup>9</sup>.

Uma vez que o pensador se dá conta do fosso que pode separar aquilo *sobre* o que se fala daquilo que realmente *é*, abre-se caminho para a radicalização do distanciamento entre *logos* e *mito*. Enquanto o *logos* é identificado com a esfera da investigação racional e metódica, ele passa a ser sinônimo de conhecimento propriamente dito e por essa razão deve-se evitar tudo o que se refere à imaginação, à espontaneidade e à intuição, sendo esses traços relegados ao universo mítico<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> Cf. DETIENNE (1988) 51.

<sup>6</sup> Cf. JOHNSTONE (2014) 16.

<sup>7</sup> Cf. BRISSON (2014) 43.

<sup>8</sup> Cf. MORGAN (2014) 27.

<sup>9</sup> Cf. IOLI (2017) 54-56.

<sup>10</sup> No entanto, no século XX o *logos* científico se viu desafiado pela novidade da mecânica quântica, que desconstruiu o conjunto de definições da mecânica newtoniana.

### Heráclito: um caminho para a integração mito-logos

Na virada do século VI para o século V aEC, Heráclito exalta a importância do discurso (logos) para descrição e compreensão do mundo, mas também é um conhecido crítico das limitações da linguagem. A crítica à linguagem sugere uma crítica mais abrangente ao próprio processo de conhecimento inspirado na tradição de Homero e dos poetas. A preocupação com o discurso e com sua capacidade de descrever o mundo é um tema central ao pensamento do filósofo e talvez por isso figure no fragmento comumente considerado como o prólogo de seu livro:

*Deste Logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo (DK 22 B 1)<sup>11</sup>.*

Embora o autor tenha optado por escrever em prosa, por ser a nova linguagem “científica” de sua época, o seu estilo foge dos padrões da clareza e do discurso direto perseguidos pelo jônico<sup>12</sup>. Logo no início de seu tratado,

---

No artigo “Redefinindo a curvatura do arco: aspectos transcendentais da racionalidade quântica” (2013), KAUARK-LEITE fala das tensões existentes entre as definições da física clássica e da física quântica como um problema relacionado à linguagem humana. Incapaz de descrever fenômenos quânticos como o princípio da incerteza, a não ser a partir da linguagem convencional, o homem de ciência deparou-se com os limites da expressão diante de uma realidade que desafia a lógica e cria paradoxos. “Isso quer dizer que não se pode simplesmente substituir esses conceitos clássicos por novos conceitos não-contraditórios, que sejam aplicáveis à realidade quântica, de forma a restaurar uma imagem harmônica do mundo. De acordo com Bohr, a descrição que podemos dar para qualquer arranjo experimental é sempre clássica. Essa condição limitativa seria inerente à nossa condição humana de seres de linguagem, que se comunicam por meio da linguagem ordinária mesmo em contextos científicos tão adversos, como no caso da mecânica quântica”, resume Kauark-Leite.

<sup>11</sup> τοῦ δὲ λόγου τοῦδ’ ἐόντος αἰεὶ ἀξύνετοι γίνονται ἄνθρωποι καὶ πρόσθεν ἢ ἀκοῦσαι καὶ ἀκούσαντες τὸ πρῶτον· γινομένων γὰρ πάντων κατὰ τὸν λόγον τόνδε ἀπείροισιν εἰκόσι πειρώμενοι καὶ ἐπέων καὶ ἔργων τοιούτων ὁκοίων ἐγὼ διηγέυμαι κατὰ φύσιν διαιρέων ἕκαστον καὶ φράζων ὅπως ἔχει· τοὺς δὲ ἄλλους ἀνθρώπους λανθάνει ὁκόσα ἐγεργθέντες ποιοῦσιν ὅκωσπερ ὁκόσα εὐδοντες ἐπιλανθάνονται. (DK 22 B 1). A tradução é de SOUZA (1996) 87.

<sup>12</sup> Cf. KAHN (2009) 125.

Heráclito expressa-se por meio de um estilo que tem mais de aforístico e de paradoxal, a exemplo dos oráculos délficos<sup>13</sup>.

Antes de mais nada, é importante destacar que o fragmento introduz o tema do logos, que será revisitado em diversos trechos da obra e que será tratado no decorrer deste artigo. O fato é que as pessoas em geral, como são descritas no fragmento, estão numa situação de total desconhecimento do que seja a realidade e aqui não há distinção entre quem sabe mais ou quem sabe menos: todos são indistintamente considerados sonâmbulos, ignorantes e sem experiência para entender a lei que rege todas as coisas.

Nesse caso o ser humano estaria em estado de permanente ignorância, pois tanto o que ele diz ou faz é sempre feito num estado de inconsciência<sup>14</sup>. O desconhecimento sobre a vida passa pela incapacidade de penetrar o seu sentido mais profundo e dominar o seu léxico: *Más testemunhas para os homens são olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm* (DK 22 B 107)<sup>15</sup>. Isso quer dizer que é preciso mais que olhos e ouvidos para compreender a linguagem própria do cosmos, que exige capacidade de interpretar os seus signos, ou seja, ter uma alma não bárbara, uma alma educada à maneira grega<sup>16</sup>.

Segundo Kahn, essa é provavelmente a primeira vez que o termo *psyché* adquire o sentido de faculdade do discurso ou faculdade do pensamento racional<sup>17</sup>. Em outras palavras, a racionalidade é aqui sinônimo de “capacidade de participar da vida da linguagem, ‘sabendo como ouvir e como

<sup>13</sup> Cf. KAHN (2009) 125.

<sup>14</sup> O trecho *γινομένων γὰρ πάντων κατὰ τὸν λόγον τόνδε ἀπειροισιν εἰκόασι πειρώμενοι καὶ ἐπέων καὶ ἔργων τοιουτέων* (DK 22 B 1) é traduzido por Marcovich (1967) 6 da seguinte forma: (...) *For, although all things come to pass in accordance with / this Truth, men behave as if ignorant (or unexperienced) each time / they undertake (or experience) either speech or deeds (...)*.

<sup>15</sup> A tradução é de SOUZA (1996) 93.

<sup>16</sup> MARCOVICH (1967) 47 traduziu o fragmento B 107 da seguinte forma: *Evil witnesses are eyes and ears for men, if they have souls that do not understand their language*. A tradução realça a relação entre os signos da comunicação humana, o entendimento e a apreensão do mundo.

<sup>17</sup> Cf. KAHN (2009) 140.

falar”<sup>18</sup>. Isso reforça a grande importância que tem para Heráclito a relação entre a comunicação humana, o conhecimento e a ação<sup>19</sup>.

Partindo do mesmo *topos*, é possível construir um paralelo entre a leitura do texto e a leitura do mundo, bem como entre a escuta de um discurso e a escuta do logos<sup>20</sup>. Todas essas imagens falam de uma interpretação do mundo que depende da mediação da palavra. Por essa razão, a ausência de uma leitura aprofundada da realidade implica num prejuízo de grandes proporções para o saber e para o agir humanos.

Para Heráclito, a posse do conhecimento real está ligada à compreensão dessa linguagem, pois conhecer a estrutura do mundo significa conhecer a estrutura desse logos<sup>21</sup>, que é o discurso sobre o real. Nesse contexto, a discussão sobre logos e mito passa necessariamente por uma reflexão sobre o poder da linguagem na construção do conhecimento.

O fragmento DK 22 B 1 põe no centro da cena a linguagem, que é revelada como, a um só tempo, ponte e obstáculo para a compreensão humana do mundo. Essa ambivalência entre a palavra que revela e a palavra que esconde estará presente em toda a obra heraclitiana e reflete uma tradição comum que nasce com os assim-chamados pré-socráticos<sup>22</sup>. Trata-se exatamente da profunda compreensão dos primeiros filósofos gregos do desafio permanente que é descrever o mundo por meio do discurso. Por trás das críticas iniciadas por Xenófanes e Heráclito à tradição homérica está latente uma profunda suspeita, quase que um ceticismo primordial, sobre a capacidade humana de expressar, por meio da linguagem, o mundo, a realidade e o cosmos<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. KAHN (2009) 141.

<sup>19</sup> Cf. HÜLSZ (2013) 289: “By giving expression to the notion of the rationality of the real, Heraclitus points at once to a vital unity of being and speech, word and content, and includes the ontological structure or ‘nature’ of the contents of language itself within the semantic range of logos. Heraclitus’ choice of words suggests that remedying men’s need for knowledge should begin with a fuller understanding of their own language.”

<sup>20</sup> A escuta do logos é enfatizada neste fragmento: *Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um* (DK 22 B 50). A tradução é de SOUZA (1996) 93.

<sup>21</sup> Cf. CURD (1991) 531.

<sup>22</sup> Cf. MORGAN (2004) 27.

<sup>23</sup> Cf. MORGAN (2004) 27.

O testemunho de Diógenes Laércio ilustra bem essa dinâmica, ao afirmar que Heráclito depositou seu livro no templo de Ártemis e que o escreveu obscuramente de propósito<sup>24</sup>. O logos novamente está em foco: a faculdade discursiva simultaneamente revela e esconde algo, sendo o livro tanto meio como empecilho ao conhecimento<sup>25</sup>. Porém, também transparece o mundo misterioso do mito e Heráclito, como um sábio, não se interessa em demonstrar o que quer que seja: o seu discurso é feito de lampejos, mas vai em busca das abstrações mais essenciais a partir de uma linguagem oracular e não discursiva<sup>26</sup>.

Tendo a forma de enigma, as sentenças do filósofo de Éfeso são elaboradas por meio de jogos de palavras, símiles e ambiguidades<sup>27</sup>. Dessa forma o seu texto quer reproduzir na linguagem a teia de relações aparentemente irracionais e contraditórias que é o mundo, espelhando a constante guerra cósmica dos opostos. Porém, o leitor atento descobrirá no seu discurso (logos) um fundamento unificador que dá inteligibilidade a esse aparente caos.

Mais uma vez percebe-se o gosto do pensador jônico pelas imagens: como num movimento circular e metalinguístico, o discurso (individual) explica o discurso (universal). Em outras palavras, o logos de Heráclito fala do logos universal. Sendo este último o discurso que explica o mundo e seus fenômenos<sup>28</sup>, ele se dá a conhecer a partir da discursividade humana. Um movimento no sentido inverso também pode ser percebido: Heráclito por vezes não se mostra disposto a revelar ou esclarecer algo, mas, paradoxalmente, empenha-se em codificar a realidade por meio da linguagem.

---

<sup>24</sup> Cf. D.L., IX, 6 (DK 22 A 1). A tradução é de SOUZA (1996) 83.

<sup>25</sup> Segundo HEIDEGGER (1998) 47, a alcunha de *Skoteinós*, o Obscuro, se deve ao fato de que a “palavra do pensamento originário abriga ‘o obscuro’”. Para COLLI (2013) 176: “[...] quando se levanta o véu do silêncio que escondia o homem misterioso, o logos aparece no início desarticulado”. Eis então que Heráclito, como um sábio, se diz descobridor de uma “lei divina que encadeia os objetos mutáveis da aparência” e à qual ele chama de logos ou “a trama escondida do deus que governa e atinge todas as coisas”.

<sup>26</sup> Cf. COLLI (2013) 176-177.

<sup>27</sup> Cf. KAHN (2009) 28.

<sup>28</sup> Cf. DK 22 B1.

### O sentido aparente e oculto do discurso

O binômio revelar-ocultar é de fato próprio da mensagem criptografada, como revela o sábio: *Natureza ama ocultar-se*<sup>29</sup> (DK 22 B 123). No original, a máxima traz o verbo κρύπτω, que significa esconder, cobrir e manter segredo<sup>30</sup>: φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ. Usamos aqui o termo criptografar pois este corresponde a criar códigos de linguagem para assegurar alguma informação de alto valor. Novamente é possível remeter-se à comunicação do oráculo e ao poder e ambivalência dos signos da fala e da escrita.

Esse tipo de relação de revelação e ocultamento pode ser entendido num contexto mais amplo como a visão heraclitiana de que o universo é constituído por uma constante guerra entre elementos opostos, que, no entanto, se encontram num nível comum de interação conhecida como harmonia dos opostos, sabidamente uma das principais doutrinas do filósofo<sup>31</sup>.

Ao declarar que a harmonia invisível é superior à visível<sup>32</sup>, Heráclito está sugerindo que há uma camada mais profunda e desafiadora da realidade a ser explorada e é lá onde se encontra a resposta para o enigma da vida. Sendo uma chave de leitura para vários fragmentos e para o sentido geral da doutrina heraclitiana, o que se propõe no presente ensaio é que a harmonia dos opostos pode também iluminar a relação entre sentido aparente e sentido oculto do discurso e, em última instância, o próprio processo de conhecimento atualmente dividido em duas vertentes: o mito e o logos.

Se todo o texto do filósofo é enigmático e obscuro, aplica-se ao seu estilo o seguinte fragmento: *O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais* (DK 22 B 93)<sup>33</sup>. Com essa sentença Heráclito faz menção a um processo de conhecimento muito familiar ao mundo grego: a revelação oracular. Tal informação é importante para o tema ora desenvol-

---

<sup>29</sup> A tradução está em KAHN (2009) 63.

<sup>30</sup> Cf. LIDDELL-SCOTT-JONES. Acesso em 22 set. 2019: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=κρύπτεισθαι&la=greek#lexicon>.

<sup>31</sup> Cf. MARCOVICH (1967) 158-160.

<sup>32</sup> Cf. DK 22 B 54: *Harmonia invisível à visível superior*. A tradução é de SOUZA (1996) 93.

<sup>33</sup> A tradução é de SOUZA (1996) 97.

vido, qual seja, a reconciliação entre mito e logos a partir de um retorno aos fragmentos do filósofo.

Ao propor uma comunicação do tipo que evita abordar diretamente as questões, mas que “dá sinais”, o filósofo apresenta a diferença entre o que o deus “está dizendo” e o que ele “quer dizer”<sup>34</sup>. Esse tipo de mensagem era conhecido pelos gregos como *hyponoia* (adivinhação, índice ou alegoria), de forma que o “discurso délfico apresenta uma pluralidade e complexidade de significado, demandando o trabalho de reflexão, um *insight* diferente para que a informação correta seja descoberta”<sup>35</sup>.

Se isso ao que parece sugere o tipo de comunicação feita pelo próprio Heráclito, como sábio que sem falar o que é o logos o apresenta à sua audiência, é possível entrever que não há, para o filósofo, uma linha clara que separe o discurso mítico do discurso racional. Na verdade, o filósofo força a linguagem ao seu limite máximo de expressão a fim de cruzar novas fronteiras de significado. Se para o pensador arcaico não havia ainda uma clara distinção entre os aspectos do conhecimento objetivo e do subjetivo<sup>36</sup>, o saber equivalia a um todo contínuo que interconectava homens e deuses, céu e terra, aquém e além por meio da indiferenciação entre palavra e realidade<sup>37</sup>.

É importante notar que Heráclito encontra-se numa espécie de transição entre o saber transmitido pela autoridade dos poetas, predominantemente oral, oracular e mítico, para um saber que se impôs como racional produzido pelos filósofos, sendo predominantemente escrito, ou seja, pertencente ao domínio do logos (razão)<sup>38</sup>. Portanto, ele parece livre para beber nos mitos e ao mesmo tempo ser permeável a *historié* dos jônicos, que estavam empenhados numa busca de explicações para o mundo também de ordem racional e lógica.

No entanto, Heráclito também se mostra livre para questionar o que depois se convencionou entender como duas formas modelares de compreender o mundo: o mito e o logos. Ele faz sua própria síntese, que pode ser

---

<sup>34</sup> Cf. KAHN (2009) 167.

<sup>35</sup> Cf. KAHN (2009) 167.

<sup>36</sup> Cf. MARCOVICH (1967) 8.

<sup>37</sup> Cf. DETIENNE (1988) 33-34.

<sup>38</sup> Cf. MORGAN (2004) 26-27.



bem representada em reconhecer em um nível mais profundo de percepção e investigação um código que rompe antagonismos e descobre identidades.

A chave para o enigma da existência é também a chave para a forma genuína de conhecer o mundo, não por meio de categorizações religiosas ou racionais, mas pela compreensão de que somos constantemente desafiados pela existência e não temos respostas prontas para ela. Só nos cabe nos lançar em busca, interpretar os sinais, ir além da superfície e das convenções de qualquer ordem: deixar-se desafiar pelo enigma que continua indefinidamente a propor perguntas sem respostas.

Nesse estado de atenção é possível ouvir o logos, como um lampejo a iluminar um caminho já tantas vezes trilhado, mas que pode acessar lugares ainda desconhecidos. A imagem do caminho (*hodós*) é, aliás, expressa algumas vezes no texto heraclítico:

*O caminho das rodas da carda é reto e torto (DK 22 B 59)<sup>39</sup>.*

*O caminho para cima e o caminho para baixo são um e o mesmo (DK 22 B 60)<sup>40</sup>.*

As ocorrências acima sugerem uma relação entre opostos que se reúnem: reto e curvo; acima e abaixo. Há, explícita ou implicitamente, a ideia de uma harmonia ou unidade que supera as contradições e cria relação entre partes antes separadas. Para além das outras interpretações possíveis que a imagem do caminho possa ganhar nos fragmentos, interessa aqui a sua função de ponte para aproximar realidades opostas. É, portanto, uma pista deixada no livro de Heráclito para unir, agregar e intercomunicar, sendo todos esses fatores essenciais para a aproximação entre logos e mito.

Como já foi referido anteriormente, mito e logos não existiam como categorias separadas na tradição grega mais antiga e, em dado momento da história, passaram a ser expressos como duas vias que seguiam em rumos opostos e irreconciliáveis. Esse movimento parece contrário à ideia do que se vê nos fragmentos sobre caminhos aparentemente contraditórios e que, em algum momento, convergem.

É interessante perceber que se a filosofia de Heráclito enxerga, por um lado, uma harmonia por trás da aparente contradição presente na superfície

---

<sup>39</sup> γνάφων ὁδός εὐθεία καὶ σκολιή (DK 22 B 59). A tradução está em KAHN (2009) 292.

<sup>40</sup> ὁδός ἄνω κάτω μία καὶ ὡντή (DK 22 B 60). A tradução está em KAHN (2009) 374.

da realidade, por outro, ele critica o que se acha definitivamente desconexo, separado ou que não encontra contextualização no todo. Em outras palavras, o filósofo parece denunciar um tipo de movimento que dispersa e divide, sem que haja esperança de convergência ou comunhão. É assim que ele critica os que acreditam ter um pensamento particular em vez de um pensamento enraizado no logos que é “comum”<sup>41</sup> e que por essa razão buscam instrução de forma errônea.

O que Heráclito denuncia é o risco de alienação da fonte comum referida no fragmento B 1. Se esta assertiva pode ser aplicada às pessoas pouco instruídas, ela é ainda mais contundente quando dirigida às autoridades do pensamento grego. A multiplicidade estéril de conhecimentos é duramente criticada por Heráclito, pois não é para ele garantia de sabedoria: *Muito aprendido não ensina o entendimento (noos). Pois [se fosse assim] teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, e também Xenófanes e Hecateu*<sup>42</sup>(DK 22 B 40).

O fragmento ὀπὸε πολὺ- (πολυμαθίη), a “muita instrução”, ao ἐν (um) referido nos fragmentos B 50 e B 25 e que implica no logos<sup>43</sup>. Dessa forma, alcançar a sabedoria seria impossível sem a apreensão do logos. No entanto, isso não significa que Heráclito despreze o aprendizado e a experiência, mas apenas que a “mera acumulação de informação não produzirá entendimento se não estiver acompanhada de algum *insight* fundamental”<sup>44</sup>.

Interessa destacar um ponto nessa questão que implica na discussão sobre a relação entre logos e mito como vias complementares para o desenvolvimento intelectual e ético do indivíduo: a importância da visão do todo. Manipular informações em áreas específicas do saber, de forma segregada, ou ideologicamente seletiva pode comprometer a própria validade do processo de investigação intelectual. O “*insight* fundamental” referido por Kahn pode ser uma boa expressão para designar um saber que busca os fundamentos, as raízes do pensamento, até mesmo para submetê-lo à crítica.

---

<sup>41</sup> Por isso é preciso seguir o-que-é-com, (isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com). Mas, o logos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular (DK 22 B 2). A tradução é de SOUZA (1996) 87.

<sup>42</sup>A tradução está em KAHN (2009) 141.

<sup>43</sup> Cf. MARCOVICH (1967) 65.

<sup>44</sup> Cf. KAHN (2009) 142.

### A concepção do logos como instância segregada do conhecimento

Até Platão não havia uma *palavra* para designar mito, o que por si só indica que a oposição entre logos e mito não existia no pensamento arcaico<sup>45</sup>. As histórias sobre deuses e homens, desde Homero e Hesíodo, eram indistintamente chamadas de *mythos* ou *logos*, com o sentido geral de narrativa ou relato<sup>46</sup>. No entanto, com o passar dos séculos o mito passou a ser o lugar de fala das tradições e histórias do passado, enquanto o logos se tornou o lugar de fala do filósofo, e ganhou um caráter predominantemente argumentativo<sup>47</sup>. A partir de então caberia ao logos justificar e dar sentido ao patrimônio ancestral representado pelo mito<sup>48</sup>.

Ao recorrer à dinâmica da linguagem para explicar a dicotomia mito-logos, percebe-se que a criação do pensamento conceitual anda junto com a consagração da escrita e a necessidade de cristalizar ideias<sup>49</sup>. Assim a era do logos desafia o reinado do mito como saber revelado, presença mesma do ser e da palavra que tem o poder de tornar presente aquilo que nomeia<sup>50</sup>.

Heráclito viveu num tempo anterior a essa completa cisão, mas onde já se percebia a crescente supremacia da razão sobre o mito. Os seus fragmentos apontam para a fragilidade do discurso como meio para a expressão do real e por isso propõe uma nova chave para a investigação e o conhecimento: o logos. Ele é, ao mesmo tempo, um discurso acessível aos seres humanos, como a “linguagem da racionalidade objetiva e a racionalidade da lingua-

---

<sup>45</sup> Cf. LOPES (2015) 76.

<sup>46</sup> Cf. LOPES (2015) 64-69.

<sup>47</sup> Cf. JOHNSTONE (2014) 16.

<sup>48</sup> Cf. LOPES (2013) 38-39. Na sua tradução sobre o *Timeu* de Platão, o autor esclarece que a realidade do mito por vezes era simplesmente chamada de “estória de antiga tradição” (20D2) ou “relatos antigos” (21A10). Portanto, concorda com BRISSON (2014) 43 sobre o fato de que a distinção platônica entre narrativa verossímil (*eikós mythos*) e o discurso verossímil (*eikós logos*), sugere uma distinção entre dois níveis da fala, que são, respectivamente, o discurso analítico-argumentativo e a simples narração de um acontecimento, ou seja, o discurso verificável e o discurso inverificável.

<sup>49</sup> Cf. MARQUES (1994) 31.

<sup>50</sup> Cf. MARQUES (1994) 32.

gem”<sup>51</sup> e cujo conteúdo consiste numa lei universal e divina. É, portanto, uma formulação que reúne em si elementos do logos e do mito.

A partir da visão heraclitiana, é possível entender logos e mito como um par de opostos que, no entanto, encontram raízes comuns em uma harmonia escondida. Como relata o fragmento B 54, a harmonia não aparente é superior à aparente, pois é na leitura das camadas mais profundas da realidade que se encontra a linguagem (logos) que traduz a vida. É esse entendimento que corresponde ao aspecto do logos como o “o que-é-com”<sup>52</sup>, o que é “comum” à humanidade, que é a perspectiva gnosiológica que permite ir além das divisões e fragmentações do pensamento.

Enquanto a separação entre mito e logos enxerga apenas duas categorias estanques e isoladas, a abordagem heraclitiana permite que sejam vistas enraizadas no logos que é “comum” e que vê nos dois fenômenos (logos e mito) uma conjunção de perspectivas no entendimento do mundo. Como um crítico do conhecimento vigente, Heráclito questionou as bases do pensamento grego e de suas crenças. Ele mostrou que a realidade é mais do que categorias claras e definidas, como pretendiam os detentores do poder do discurso, fosse ele de caráter científico ou religioso. Mostrou também que todos os saberes, mesmo aqueles que parecem em franca oposição, têm como fundamento uma lei que os harmoniza.

Em dado trecho de seu discurso, Heráclito apresenta o logos como um sábio que rejeita ser reduzido a uma definição: *Um, o único sábio, consente e não consente em ser chamado pelo nome de Zeus*<sup>53</sup>(DK 22 B 32). Nessa expressão estão presentes uma extensa gama de significados e desdobramentos. Um deles é a crítica feita ao maior deus do panteão grego, num movimento de desconstrução também de ideias religiosas de sua época.

---

<sup>51</sup> Cf. HÜLSZ (2013) 291-292. De acordo com o original: “I propose we ought to keep both, and interpret Heraclitus’ logos as the language of the real: the language of objective rationality and the rationality of language. Logos appears as a voice coming from the real itself, the voice of meaningful and intelligent language, which coincides with the structural objective single form in things themselves and is mirrored in Heraclitus’ own carefully articulated statements.”

<sup>52</sup> Conforme foi referido na nota 40, o trecho τῷ κοινῷ (DK 22 B 2) foi traduzido por SOUZA (1996) 87 como “o-que-é-com”.

<sup>53</sup> Tradução de COSTA (2002) 210.

Novamente Heráclito põe em xeque a linguagem e sua capacidade de nomear ou descrever o mundo. Este fragmento é significativo ao tratarmos da discussão entre mito e logos como categorias. Vale lembrar novamente que uma das principais marcas do estilo de Heráclito é a ambiguidade que amplia significados e provoca reflexões sobre os padrões vigentes de pensamento<sup>54</sup>.

É significativo o fato de o logos de Heráclito ser objeto de uma discussão sobre a sua exata definição: se segue o uso corrente de sua época — narrativa ou estória oral ou escrita — ou se tem o sentido de um princípio geral e independente da fala do autor<sup>55</sup>. A polêmica está principalmente na tradução do termo logos nos fragmentos B 1, B 2 e B 50, que para alguns extrapola o seu sentido comumente usado pelos contemporâneos de Heráclito<sup>56</sup>.

Burnet<sup>57</sup> é provavelmente o maior representante da primeira corrente, que é minoritária entre os comentadores modernos e segundo a qual o logos seria “primordialmente, o discurso do próprio Heráclito, embora, sendo ele um profeta, possamos chamá-lo de sua ‘Palavra’”<sup>58</sup>. A segunda corrente tem como representantes, entre outros, Kirk, Marcovich e Kahn<sup>59</sup>, que entendem o logos como lei, verdade ou princípio.

---

<sup>54</sup> Cf. KAHN (2009) 153-154.

<sup>55</sup> Cf. JOHNSTONE (2014) 2.

<sup>56</sup> Cf. JOHNSTONE (2014) 3-4.

<sup>57</sup> Cf. JOHNSTONE (2014) 5.

<sup>58</sup> Cf. BURNET (2006) 177-178.

<sup>59</sup> Ao comentar a ocorrência de logos no fragment DK 22 B 1, KIRK (1954) 67 afirma o seguinte: “It has already been shown that ὁ λόγος for Heraclitus usually means something outside himself, namely, the formula of all things. The sense ‘my Word’, even if the content of the ‘Word’ is read into this as well, has been shown to be unsuitable in most contexts in the fragments, but particularly in this one”. Para MARCOVICH (1967) 8, logos, no fragmento DK 22 B 1, parece significar: “[...] statement implying (oral) teaching [...] because the phrase οὗτος ὁ λόγος in archaic prose usually means ‘this statement, exposition, argument’ [...] Now, since men can also know the Logos by themselves from the surrounding world, without the help of Heraclitus [...], ὁ λόγος in fr. 1; 23 (2) and 26 (50) must mean, at the same time, objective truth (law, rule).” KAHN (2009) 126 lembra que, no fragmento DK 22 B1, só há uma condição que explique “[...] a insistência de que os homens mostrem não compreender não apenas ‘uma vez que ouvem o meu discurso’, mas mesmo antes de tê-lo ouvido”: “[...] se o logos de Heráclito representar uma verdade que

As *divergências* de traduções e interpretações mostram-se *convergentes* na perspectiva assumida pelo presente estudo, à medida que refletem o pensamento de Heráclito: entre brumas e luzes, O Obscuro sugere que em última instância há mistérios ou verdades que não podem ser expressos em palavras. A tradução de logos por *expressão*, conforme proposta por Colli<sup>60</sup>, nesse sentido parece bastante sugestiva: mostra o logos tanto como uma *expressão* no sentido linguístico — e por isso é um instrumento que permite diversas leituras — quanto como algo que está *expresso* no sentido ontológico — e que é uma realidade que nos escapa (DK 22 B 1), mas que se dá a conhecer.

A direção apontada por Colli pode iluminar o caminho de volta para um tempo em que inexistia oposição entre mito e logos: o logos de Heráclito “[...] se identifica com a essência do mundo justamente porque esta consiste no ‘discurso’ que revela a *physis*, isto é, o nascimento, a imediatez”<sup>61</sup>. Na visão dos poetas arcaicos, o hino inspirado pela musa brota e se faz grande: a palavra é parte da *physis* e está sempre submetida às suas leis, como a fecundidade e a esterilidade<sup>62</sup>. Se esse retorno à palavra como realidade inseparável do cosmos pode comprometer a objetividade científica, ele também espelha o desejo mais genuíno do ser humano de desvendar os mistérios do universo e da existência.

### Conclusão

O presente ensaio parte da compreensão da necessidade de ampliar o conceito de logos no pensamento de Heráclito, por acreditarmos ser essa abordagem a mais coerente com sua concepção filosófica. Uma interpretação mais abrangente e integrativa deste com o mito espelha, como vimos, a lógica intrínseca à ontologia da harmonia dos opostos. Além disso, é possível identificar no logos de Heráclito características próprias do mito — transcenden-

---

sempre esteve ali o tempo todo [...]”. E conclui o autor: “Assim, esse logos não pode ser somente ‘o que Heráclito diz’ [...] ou mesmo o significado do que ele tem para dizer [...]. O logos pode ser o ‘significado’ apenas no sentido objetivo: a estrutura que as palavras dele buscam ou indicam, que é a estrutura do próprio mundo[...]” KAHN (2009) 126.

<sup>60</sup> Cf. COLLI (2013) 26.

<sup>61</sup> Cf. COLLI (2013) 176.

<sup>62</sup> Cf. DETIENNE (1988) 34-35.

cia, ocultamento e intangibilidade — como também no mito, outras próprias do logos — razão, lei e fundamento.

Tal constatação é bastante alentadora no sentido de indicar possíveis caminhos para a correlação entre logos e mito, uma vez que, vistas em perspectiva, as características citadas acima são no limite intercambiáveis entre as duas instâncias ao utilizar-se o modelo de logos proposto por Heráclito. De acordo com esse paradigma há um horizonte de compreensão que deve ser perseguido como, nas palavras de Eudoro de Sousa, uma “linha sempre à vista de nossos olhos, nunca ao alcance de nossos passos, por muito que se alongue um caminhar a seu encontro”<sup>63</sup>.

A complementariedade entre dia e noite, tomada de empréstimo de Hesíodo e ressignificada por Heráclito, é uma imagem que pode muito bem ilustrar essa desafiadora empresa: *Hesíodo é o mestre de toda a gente. Julgam que foi o mais sábio de todos os homens, — ele, que não sabe que é a noite e que é o dia! Pois são uma e a mesma coisa*<sup>64</sup> (DK 22 B 57). A escuridão da noite e a luz do dia são algumas das experiências mais primordiais da humanidade e para Hesíodo tratava-se de forças antagônicas. No entanto, o avanço das investigações astronômicas permitiu a descoberta de que, embora a duração das noites e dos dias variassem no decorrer do ano, as 24 horas diurnas continuavam com a mesma duração<sup>65</sup>.

Conhecido como *nychthemeron*, esse fenômeno deu elementos para Heráclito racionalizar aquilo que já brotava como fruto de sua concepção de logos, ou seja, que por trás do aparente paradoxo, há um sentido profundo a ser descoberto<sup>66</sup>. A colaboração entre a intuição do seu logos e a polimatia da ciência jônica aponta um caminho genuinamente heraclítico para a reconciliação entre mito e logos, como bem resume Kahn:

*“A ignorância dos homens reside no seu fracasso em compreender o logos no qual esta intuição é articulada, o logos que é a um só tempo o discurso de Heráclito, a natureza da própria linguagem, a estrutura da psyché e o princípio universal segundo o qual todas as coisas acontecem. A apreensão dessa intuição por Heráclito teria sido*

---

<sup>63</sup> Cf. SOUSA (1975) 129.

<sup>64</sup> Cf. A tradução é de Eudoro de Sousa e pode ser vista em RODRIGUES (2017) 105.

<sup>65</sup> Cf. KAHN (2009) 144.

<sup>66</sup> Cf. KAHN (2009) 145.

*impossível sem a nova concepção filosófica de ordem cósmica, o que o separa claramente dos 'sábios' de tipo antigo. Mas ele está com estes na visão da sabedoria como um insight sobre a estrutura da vida do homem e os limites da condição humana. O que eles não viram — e não podiam mesmo ver antes do nascimento da filosofia natural — era que a estrutura da vida humana e a estrutura da ordem cósmica são uma e a mesma*<sup>67</sup>.

Partindo do logos como fator de unificação de sentidos e realidades em conflito, ele se constitui uma proposta promissora para a reconciliação entre logos e mito no exercício da investigação do mundo. De fato, tanto a lógica racional quanto o mito são valores compartilhados pelo gênero humano, em busca de entender o mundo em seus fenômenos visíveis e invisíveis, aparentes e não aparentes, em áreas limítrofes do pensamento.

Ao propor a unidade dos opostos Heráclito também oferece um importante caminho para a contemporização de categorias antagônicas do pensamento, que, no entanto, têm se mostrado bastante produtivas ao se darem as mãos. A história do pensamento e das descobertas científicas não seguiram rotas lineares e meramente racionais, mas se basearam na ocorrência simultânea de fenômenos aparentemente contraditórios: lógica e intuição; método e criatividade; cálculo e sensibilidade; razão e emoção.

A intuição de Heráclito aponta para o paradigma da visão do todo (o comum) em sua relação com a parte. Se as dimensões do mito e do logos forem analisadas à luz desse pressuposto, é possível vê-los como realidades distintas, mas que dialogam entre si. Vistos em conjunto, eles formam um todo orgânico que interagem numa perspectiva de complementariedade<sup>68</sup>.

Tal constatação se harmoniza com a ideia de que conhecer para Heráclito significa conhecer a coisa em sua inteireza e para além de todas as oposições e contradições. Entendendo a linguagem como um instrumento que revela a potencialidade e limitação do gênio humano, o sábio jônico assimila conceitos do logos, mas se permite navegar pelo oceano da inspiração mítica, marcada pelo estilo poético e aforístico próprio de Heráclito. Por fim, ele entendeu que só existe um logos, que supera particularidades e fragmentações, e se torna uma ponte para a compreensão do mundo.

---

<sup>67</sup> Cf. KAHN (2009) 51.

<sup>68</sup> Cf. SOUSA (1975) 129-132.



Assumir a perspectiva da totalidade, em vez da dualidade, torna, pois, possível a compreensão do mundo em seu conjunto de significações, e para além das fragmentações do pensamento. Heráclito propõe um caminho possível para se vislumbrar o todo da experiência humana e do mundo, sem reducionismos ou sectarismos, promovendo a união entre o aparente e o não-aparente, o aquém e o além que se unem num mesmo horizonte, numa tensão entre o conhecido e o que ainda está por se conhecer.

### Referências bibliográficas

- BURNET, J. (2006), *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio.
- BRISSON, L. (2014), *Introdução à filosofia do mito*. São Paulo, Paulus.
- COLLI, G. (2013), *A sabedoria grega*. São Paulo: Paulus.
- COSTA, A. (2002), *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro, Difel.
- CURD, P. K. (1991), "Knowledge and unity in Heraclitus": *The Monist* 74.4 (1991) 531-549.
- DETIENNE, M. (1988), *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- HERÁCLITO "Fragmentos: Sobre a Natureza (DK 22 b 1-126)": J. C. D. SOUZA (trad.) (1996), *Coleção os Pensadores: pré-socráticos*. São Paulo, Nova Cultural, 87-101.
- HÜLSZ, E. (2013), "Heraclitus on Logos: Language, Rationality and the Real": D. SIDER; D. OBBINK (eds.) (2013), *Doctrine and Doxography: Studies on Heraclitus and Pythagoras*. Berlim/Boston, De Gruyter, 281-301.
- IOLI, R. (2017), "Eikós: simile, verosimile, probabile": *Technai*, 8.8 (2017) 51-65.
- JOHNSTONE, M. A. (2014), "On 'Logos' in Heraclitus": *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 47 (2014) 1-29.
- KAHN, C. H. (2009), *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. São Paulo, Paulus.
- KAUARK-LEITE, P. (2013), "Redefinindo a curvatura do arco: aspectos transcendentais da racionalidade quântica": *Analytica – Revista de Filosofia* 17.1 (2013) 59-78.
- KIRK, G. S. (1954), *Heraclitus: The cosmic fragments*. Cambridge, Cambridge University Press.

- LIDDELL-SCOTT-JONES, "Lexicon of Classical Greek": G. R. Crane (ed.) (2000), *The Perseus Project*, Tufts University. Disponível em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=%CE%BA%CF%81%E1%BD%BB%CF%80%CF%84%CE%B5%CF%83%CE%B8%CE%B1%CE%B9+&la=greek#lexicon>>. Acesso em 22 set. 2019.
- LOPES, R. (2013), *Timeu-Critias*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em <<https://Digitalis-Dsp.Uc.Pt/Jspui/Handle/10316.2/2390>>. Acesso em 22 set. 2019.
- LOPES, R. (2015), "Usos e sentidos de *mythos* e *logos* antes de Platão": *Prometeus Filosofia* 8.18 (2015) 62-77. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/3840>>. Acesso em 22 set. 2019.
- MARCOVICH, M. (1967), *Heraclitus: Greek Text with a Short Commentary*. Merida, Los Andes University Press.
- MORGAN, K. (2004), *Myth and Philosophy from Presocratics to Plato*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MARQUES, M. P. (1994), "Mito e Filosofia": M. V. ANDRADE; T. C. COSCARELLI (orgs.) (1994), *Mito* (Cadernos de Texto n.º 2), Belo Horizonte, Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, 17-37.
- RODRIGUES, L. F. R. (2017), "O Heráclito de Eudoro de Sousa: Fontes da História da Filosofia Antiga – Seção I (parte 2)": *Anais de Filosofia Clássica* 11.21 (2017) 88-103.
- SOUSA, E. D. (1975), *Horizonte e complementariedade*. São Paulo, Duas Cidades/Editora Universidade de Brasília.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** Na história da Filosofia grega, mito e logos são tradicionalmente representados como duas instâncias separadas da experiência humana: o primeiro como expressão do pensamento arcaico e o segundo, como fonte do pensamento racional. O objetivo do presente artigo é refletir sobre o caráter limitante dessa visão de mundo e seu impacto na formação do pensamento ocidental. Heráclito (século VI-V aEC) e Eudoro de Sousa (1911-1987) serão autores de referência para essa exploração, a partir das ideias de unidade dos opostos, de logos como um fator de harmonização dos contrários e de complementariedade.

**Palavras-chave:** Mito; logos; opostos; complementariedade; Heráclito; Eudoro de Sousa.

**Resumen:** En la historia de la Filosofía griega se representa tradicionalmente mito y logos como dos ámbitos separados de la experiencia humana: el primero como expresión del pensamiento arcaico y el segundo como fuente del pensamiento racional. El objetivo del presente trabajo es reflexionar sobre el carácter limitador de esta visión de mundo y su impacto en la formación del pensamiento occidental. Heráclito (siglo VI-V a. C.) y Eudoro de Sousa (1911-1987) serán autores de referencia para esta indagación, a partir de la unidad de los opuestos, del logos como un factor de armonización de los contrarios y de complementariedad.

**Palabras clave:** Mito; logos; opuestos; complementariedad; Heráclito; Eudoro de Sousa.

**Résumé :** Dans l'histoire de la philosophie grecque, mythe et logos sont traditionnellement représentés comme deux instances séparées de l'expérience humaine : le premier comme expression de la pensée archaïque, le deuxième comme source de la pensée rationnelle. L'objectif du présent article est de réfléchir sur le caractère limitatif de cette vision du monde et son impact sur la formation de la pensée occidentale. Héraclite (siècles VI-V av. J. C.) et Eudoro de Sousa (1911-1987) seront les auteurs de référence pour cette exploration, à partir des idées d'unité des opposés, de logos comme facteur d'harmonisation des contraires et de complémentarité.

**Mots-clés :** mythe ; logos ; opposés ; complémentarité ; Héraclite ; Eudoro de Sousa.